

Paulo Guerra é sepultado em PE

72 JUL 1977

Da sucursal do RECIFE

As últimas homenagens que os pernambucanos prestaram, ontem, no Recife, ao ex-governador e senador Paulo Guerra — que morreu no final da noite de sábado em Brasília —, reuniram políticos da Arena e do MDB e foram marcadas por declarações de líderes partidários que deploraram o desaparecimento de uma das últimas "grandes forças eleitorais do Estado".

A morte do senador Paulo Guerra significou também, para a representação da Arena pernambucana no Senado, o segundo desfalque em dois anos: em junho de 1975, o senador Wilson Campos, eleito também em 1970, era cassado pelo presidente da República, por envolvimento no famoso "caso Moreno". O empresário Murilo Páraíso assumirá em agosto a vaga deixada pelo senador.

O corpo do senador arenista foi transportado, de Brasília para o Recife, num jatinho da "Líder", no final da manhã de domingo. Durante toda a noite, e até às dez horas da manhã de ontem, permaneceu em câmara ardente no Palácio do Campo das Princesas. O governador Moura Cavalcanti decretou luto oficial por três dias em todo o Estado. As repartições públicas e autarquias estaduais, "em sinal de pesar", não funcionaram ontem.

Além de outros amigos e correligionários, compareceram ao Palácio do Campo das Princesas: os ex-governadores, Cid Sampaio e Nilo Coelho; o presidente da Câmara dos Deputados, Marco Antonio Maciel; o sociólogo Gilberto Freyre; o senador Dinarte Mariz; o governador alagoano Divaldo Suruagy; o ministro Djacy Falcão, do Supremo Tribunal Federal; o comandante do IV Exército, general Argus Loina e o arcebispo de Olinda e Recife, Dom Hélder Câmara.

Cerca de cinco mil pessoas acompanharam o corpo até o cemitério de Santo Amaro, onde uma banda da Polícia Militar de Pernambuco e uma guarda de honra permaneciam diante dos portões principais. O carro de bombeiros que conduzia o esquife parou durante dois minutos diante da Assembléia Legislativa. Houve uma salva de tiros quando o cortejo despontou na rua que dá acesso ao cemitério. Eram 11 horas quando o senador foi sepultado na quadra 32. Vários deputados estaduais e federais do MDB compareceram ao sepultamento. Entre eles, o presidente do diretório regional do partido oposicionista, deputado federal Jarbas Vasconcelos. Os pernambucanos assistiram ao vivo, pela televisão, ao sepultamento do senador.

A notícia da morte de Paulo Guerra não causou grande surpresa quando foi divulgada na manhã de domingo, porque, desde a confirmação das notícias sobre o precário estado de saúde do senador, nos últimos meses, já se esperava o desfecho. Ele morreu de câncer, depois de ter-se submetido a tratamento nos Estados Unidos.

POLÍTICA

Com a morte de Paulo Guerra desaparece um dos últimos "caciões" da política pernambucana. Se, de um lado, o desaparecimento do senador causa grande desfalque nos quadros da Arena, uma vez que era detentor de mais de 70 por cento do colégio eleitoral, de outro, coloca nas mãos do

12 JUL 1977

Moura Cavalcanti quase toda a força da política estadual e, consequentemente, todo o poder de barganha, quando da sucessão.

Sem grande cultura, Paulo Guerra foi o principal líder da Arena, cujas bases comandou com habilidade. Para os amigos, foi "fiel como poucos" e os inimigos políticos o respeitavam pela sua "capacidade de liderar". O ex-governador Cid Sampaio, seu principal opositor dentro da Arena, lembra Paulo Guerra como "um político que inspirava confiança, tanto nos correligionários como nos adversários.

Seu poder de afirmação é lembrado por muitos como "uma coisa rara na política pernambucana". Em 1962, ele rompeu com Etevino Lins, levando forte corrente pessedista a apoiar a candidatura de Miguel Arraes, em cuja chapa se elegeu vice-governador. Paulo Guerra, com a queda de Arraes, assumiu na madrugada de 2 de abril de 1964 o governo do Estado. Assim, passou a comandar o PSD e governar com o apoio dos militares.